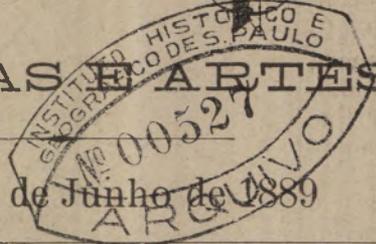


# A Quinzena Paulista

LETRAS E ARTES



Anno I

S. Paulo, 2 de Junho de 1889

N. 1

REDACÇÃO—RUA JOSÉ BONIFACIO 43

PROPRIETARIOS E REDACTORES

EMILIANO PERNETTA E PACHECO NETTO

ASSIGNATURAS

CAPITAL

Semestre . . . . . 3\$000  
Anno . . . . . 5\$000

FÓRA DA CAPITAL

Semestre . . . . . 4\$000  
Anno . . . . . 6\$000

As pessoas a quem fôr enviado o 1º numero da *Quinzena* e o não devolverem, serão consideradas assignantes.

## SUMMARIO

«A Quinzena Paulista» .  
Durante Quinze dias—TONICO o *chronista*.  
O enterro de uma fada—W. DE QUEIROZ.  
Bohemios e artistas—T.-G.  
Abysmo—JACK, *le petit*.  
Sciencias—KONTE DE KARVALHO.  
Conservatorio de Musica—MUDO.  
O Sonho—A. PACHECO NETTO.  
Philosophia Barata—JOÃO, o *philosopho*.  
A Rima da Pilheria—FRITZ.  
Sonetos de—HORACIO DE CARVALHO, WENCESLAU DE QUEIROZ, J. RIEDEL E EMILIANO PERNETTA.

## A Quinzena Paulista

S. PAULO, 2 DE JUNHO DE 1889.

Eis o recém-nascido.

Certo dirá o leitor pratico das cousas litterarias do Brazil :

—Mais um infante do tempo de Herodes... Porque estes moços tentam ainda estas cousas ?

E nós somos os primeiros a reconhecer que isto é verdade, que isto é justo, que isto é justissimo !

Que diabo ! Em ultima analyse, que é S. Paulo ?

Uma praça commercial, nada mais, nada menos.

Uma praça que se alarga todo o dia, adornando-se de palacios de marmore, fundando fabricas, recebendo imigrantes, rolando montes de ouro...

Para que, pois, folhas litterarias ?

Para que versos, senhores poetas ?

Os rouxinões não cantam nas praças commerciaes : os rouxinões vivem nas mattas.

Vão para os bosques, poetas.

Todo aquelle que se quer dar ao luxo de um pouco de poesia, tem o seu chalet, arvores no quintal, tanques de marmore, onde vêm beber, á tarde, aves e animaes raros ; tem gaiolas de ouro, onde trilam canarios, abrindo frescuras ideaes para as almas ; tem o seu piano no rico salão mobilado á japoneza ; é assignante do lyrico...

Para que versos ?

Nunca um poeta foi capaz de criar uma madrugada, de pintar um rosto bello, um labio—essa flôr do desejo.

Meus senhores, vv. ss. têm muitissima razão, quando encolhendo os hombros, dizem :

—Para que estes moços tentam ainda estas cousas ?

Em verdade, nós comprehendemos toda a inutilidade do esforço contra a inercia litteraria deste paiz agricola. Sabemos que é mais facil remover uma montanha do que abalar a indiferença publica, mesmo com este formidavel escandalo—a litteratura.

Não vimos reformar as lettras, nem trabalhar pela regeneração do theatro nacional. Nada. Nada.

Nós sentimos que tínhamos lido muito, que tínhamos ouvido demais, e que necessitavamos tambem, pela nossa vez, de ser lidos e ouvidos.

Os volumes estavam a se formar dentro de nós.

Deliciava-nos o prazer de criar umas cousas adoraveis, feitas de amor, de espirito e de graça.

Foi apenas isto que nos levou a fundar a *Quinzena Paulista*.

## Durante 15 dias

O que ha, de fallar e escrever em S. Paulo ? Quinze dias magros, esqueleticos, pthysicos, sem pulmões capazes de respirar uma novidade, a novidade de um assumpto, um assumpto bem carnudo, do qual a gente possa fazer postas sanguineas, com palpitações de vida, e atiral-as para ahi, á saciedade do publico, ávido de um factio qualquer que venha de quebrar esta occupação monotona de uma creatura fazer caminho diariamente ao Café de Java ; gastar umas phrases em dous dedos de palestra, *flar* um cigarro e fumar-o, rir da litteratura muito *barata*, quasi de graça, que por alli *grassa* n'uma grossa grosseria de ignorancia e pretensão ; sahir d'ahi, correr até as portas da livraria Teixeira & Irmão e ler, quasi *systematicamente*, por um movimento já involuntario, mas habitual, os nomes e titulos gravados a ouro no dorso dos livros de cores e fórmias varias, nas estantes ; e o que mais, não me dirão ?

O Garraux está deploradamente desprezado pelo rapazio da Faculdade de Direito ; na charutaria da *Fosca* ha cigarros, charutos e palha, ora

no 1.510 - 23x33 (19x26)

palha! Cebo! Uns moços vão para alli fazer prosa, e buscar á noitinha, os jornaes fluminenses. E... acabou-se!? Vae isto tudo enfim, pela Paulicéa além, n'uma crueldade de silencio, de *cynismo*, de estupidez, de monotonia, de tristeza, de nada, do diabo que a carregue, a Paulicéa e toda a sua pasmaceira!

E ha de um desgraçado escrever o que houve durante 15 dias nesta cidade, quando o que houve de novo, foram exatamente mais 15 dias novos!?

O viaducto dos srs. Jules Martin e Nothmann? O dia 13 de Maio? A *Arcadia Paulistana*?

E' verdade, a *Arcadia Paulistana*!

Querem ver até onde chega a preguiça moral nesta extraordinaria terra paulista?

Pois, senhores, falleceu até nos fundadores da infeliz *Arcadia*, a coragem e a força de abrirem uma sepultura em que pudessem enterrar pelo menos alguns, já não digo todos, restos da litteraria sociedade. Não! enterraram-na mesmo, no seu proprio berço!?

A *Arcadia Paulistana* morreu de mal de sete dias.

E mais não di...

Perdoem-me Duque-Estrada e Marinho de Andrade! O primeiro, director e redactor d'*A Lucta*, o segundo, *idem, idem*, d'*A Fanfarra*!

São dous jornaes litterarios, e em politica, republicanos; são bem feitos, muito elegantes, á moderna; dão a ler prosa de lei, e excellentes versos.

O numero derradeiro da *Lucta* traz duas bellissimas poesias: um soneto de J. Salusse e umas quadras de O. Duque-Estrada.

A *Fanfarra*, no segundo e ultimo numero, em artigo de fundo, dá a conhecer a regidez do pulso e a scintillação vibrante do talento de Marinho de Andrade.

Magnificos os dous jornaes. *Correptos!*

... E foi necessario que eu viesse desde o começo do mez de Maio para poder escrever um pouco sobre... *durante quinze dias!?*

TONICO, O CHRONISTA.

Unica attenuante á *profissão* de sogra é ser... mulher.

FELINTO PIFIO.

## Maîtresse

(A MEDEIROS E ALBUQUERQUE)

...Vient suspendre le poids de son corps à ma bouche  
Et pointe sur mon cœur le roc de ses seins droits.

EDMOND HARAUCOURT.

Combien de fois, tout seul avec elle, amoureux,  
sous l'onde de son sein, que la neige plus blanc,  
—je m'endors et je rêve aux rayons ténébreux  
de ses yeux en sentant la chaleur de son flanc!

De sa lèvre en satin, les frottements fiévreux  
se glissent sur mon front comme l'eau d'un étang,  
et versent dans ma bouche un baume généreux  
qu'allume dans mes nerfs les rages de son sang.

A ces combats d'amour, de serpent hérissé,  
aux cris les plus profonds des sauvages révanches,  
sous ses reins en tombant sur mon corps renversé,

—moi, j'entends dans sa chair le bruit des avalanches...  
Que je serais heureux de mourir fracassé  
sous le flot de son sein, sous le poids de ses hanches!

S. Paulo, 30 de Maio de 1889.

HORACIO DE CARVALHO.

## O enterro de uma fada

Morreu a fada Azilka!

Nas folhas brancas de um lyrio, quando pela manhã muito cêdo regava as flôres do meu jardim, depa-rou-se-me para o enterro o seguinte convite:

«Morreu a fada Azilka! Convidam-se todas as flôres, todos os genios do ar, todas as aves, enfim, todos os parentes e amigos da finada, para assistirem ao sahimento que será ás 10 horas da noite, quando o crescente fulgido da lua diffundir doloroso e suave clarão nas aleas areadas do jardim.»

Estranho espectáculo, pensei comigo, deve ser o enterro de uma fada.

Nessa noite, á hora marcada para o enterro, dei-me pressa de entrar em casa. Procurei uma janella que dêsse para o jardim, e por uma fisga da vidraça convenientemente enco-bera por uma cortina azul obliquei o meu olhar curioso.

O enterro já desfilava na alea principal do jardim: para um e outro lado do prestito moviam-se em fila os pyrilaupos com as competentes lanterninhas de duas luzes; escarave-llhos e grillos, de côr escura, como vestidos de lucto. caminhavam na frente, tocando estes uma marcha funebre, tristissima e monotona com-posição de um grillo-maestro, já fal-lecido; ao centro do prestito, quatro

besouros, negros como carvão, carre-gavam o feretro — uma pequenina pétala de rosa, onde se via, mãos em cruz sobre o alvissimo côlo, a fada Azilka; e, finalmente, logo atraz do caixão funebre, desfilava um acom-panhamento enorme de rosas, de vio-letas, de clematites, de anemonas, de lyrios, de dhalias, de cravos, de margaridas, de cecens e outras flôres, vindo em seguida as aves, uma va-riegada quantidade de aves, e depois os insectos, e depois... Estranho es-pectaculo!

Maravilhado, commovido, encanta-do de tal arte eu fiquei, que o enterro da fada Azilka se transformou inteiramente diante de meus olhos; já eu não via o enterro de uma fada.. Ah! eu te via, ó minha amada, naquelle caixãozinho de pétala de rosa; as tuas mãos, pallidas como os cirios dos templos, alli estavam; os teus olhos, a bocca, o seio, os cabellos, tudo que te pertenceu outr'ora.

Com os olhos amarados de lagry-mas, quando a saudade funda me ba-teu no peito como um sino em remota ermida, quando senti diante de mim apparecer o teu vulto branco, ó mi-nha querida morta—sahi de junto da janella e cahi de braços sobre o leito, abafando soluços no travesseiro.

Assim nem pude vêr o lugar em que enterraram a fada Azilka.

WENCESLÁU DE QUEIROZ.

INSTITUTO HISTÓRICO  
GEOGRÁFICO DE S. PAULO

## Bohemios e artistas

I

Meus senhores.

E' um rapaz modesto. Perdão! A que venho eu? Realmente o Justo diz alguma coisa; em todo o caso alguma coisa não é... a coisa, quero dizer, o que deve ser. Expliquemos nos

Direi nesta columna o que me parecer de verdadeiro e justo.

Nunca affirmarei, por exemplo, que o sr. Andrada Junior tem dous metros de altura e nem tão pouco terei o descaro de apregoar para ahi, desalmadamente que o sr. João Gomes usa suissas!

Serei justo, justissimo, já se sabe, na relação directa dos meus conhecimentos.

Sim, porque para ser justo é de mister conhecer o facto sobre o qual se applica a justiça.

Ou então (e não é facil tambem) basta ser filho do nosso amigo Justo, alfaiate da rua da Imperatriz.

Ora muito bem; nestes termos, poderei começar a série dos *perfis* com um esplendido rapaz e amigo—e um talento real, original, d'elle e d'elle só e de mais ninguém!

Tem 23 ou 24 annos (começo de ser verdadeiro!...) baixo, nem gordo nem magro; usa um nariz regular; digo: *usa*, porque o Julio Ribeiro já o tomou pelo do Guerra da *Platéa*, uma ou duas vezes; o nariz repousa arrogantemente sobre uns bigodes bastos e castanhos. Cabellos da mesma côr e crespos. Tem uma paixão invencível pelos *fraks* e detesta os guarda-chuvas!

E' exquisito, reconcentrado, nada expansivo; poderá ser mesmo selvagem, mas é um grande, um esplendido, um extraordinario talento, cuja manifestação, aquella que apparece palpitante de vida, cheia de força e de naturalidade, é a provocada pelas seducções da grande arte de Beethoven.

Em Pariz, o grande professor de harmonia, Durand, ouviu-o pasmo e admirou-o, na sincera expansão do riso intimo, alegre, satisfeito, do coração dos velhos mestres.

Massenet applaudiu o nosso homem. E o rapaz executou ao piano uma das *polonaises* de Chopin, deante de uma sociedade distinctissima em Pariz, onde se achava o Imperador do Brazil. E sahiu de junto do instrumento victoriado de applausos.

Tem bellissimas composições musi-

casas publicadas em Leipsig e ultimamente de uma lume em Buenos-Ayres em um pequeno album contendo tres deliciosos *morceaux* para piano, editado pela importante casa Hardoy & C<sup>a</sup>.

Entre muitissimas e deliciosas composições, tem inedita uma symphonia brilhante, original, independente, porque é d'elle só, feita pelos moldes modernos, para grande orchestra.

Não ha em S. Paulo, e não ha, em que pése a muitos, irra! mas não ha quem conheça a musica tal qual elle conhece.

Lê e lê muito, lê tudo; o que apparece de melhor no velho mundo, elle recebe logo d'ahi a dias, talvez seja o primeiro a receber no Brazil. E' um pianista ás direitas, elegante, nitido.

Sabe tocar piano, mas sabe *tocar*; não põe-se para ahi a bater com mais ou menos força sobre o teclado inoffensivo dos pianos, sem meneios de cabeça e reviramentos de olhos e muito mais, quero dizer, perfeito sentimento, verdadeira interpretação das musicas que executa.

E além de tudo, possui uma grande qualidade, que não deixa de ser uma grande coisa—é modesto, muito modesto.

Uma tarde d'estas, ás cinco horas e meia, quando o meu amigo Horacio de Carvalho apresentava-me o illustre advogado do nosso fôro, o dr. Gomes Cardim, veio para o nosso grupo o *tal*, esse de quem escrevo:

O amavel Horacio foi logo pondo em pratos limpos:

—O meu amigo Tito Guimarães, que veio da Côrte estudar direito em S. Paulo...

Depois voltando ao *tal*:

—O sr. Alexandre Levy...

T. G.

A mulher seria absolutamente perfeita, si pudesse deixar de ser absolutamente sogra!

MONTAIGNE NETTO.

## Contos do Inverno

ABYSMO

Eu era hospede da viuva de... Bella e moça, ella conservava-se entretanto, na sua aprasivel vivenda de campo, casta, delicada e adoravel.

Eu tinha sido companheiro de infancia dessa bella mulher.

Foi mesmo por essa razão que eu tive entrada em sua casa, numa das viagens, em que toquei no lugar da sua residencia.

Era pelo inverno. Fazia um frio horrivel.

A noite, ella mandou collocar o fogareiro numa pequena sala muito abrigada.

O vento uivava lá fóra, furioso, numa raiva de destruição.

Nós conversámos longamente sobre o passado, tomando goles de cognac e de café.

Ella respirava em mim todo o cheiro da sua terra natal. Fazia perguntas sobre perguntas, absorvendo as minhas respostas, como quem absorveu o aroma acre e forte de uma terra revolvida de fresco.

Os seus olhos tomavam um fulgôr singular como o brazido e attrahiam como uma loucura. As suas faces queimavam; a sua bocca vermelha e sensual, causava vertigens.

O cognac e o café produziam o seu effeito...

A sua voz dava-me uma delicia tão grande e tão nervosa que eu tinha impetos de mordel-a. Uma agonia approximava-me della.

Os meus olhos tinham tambem, naturalmente, mudado. Eu fixava-a como em somnambulismo, sofrego por abraçal-a, por queimar-me, por consumir-me no seu ser ardente...

E nós conversavamos...

Ella tornava-se languida, preguiçosa, como uma gata, com as mãos brancas de estranguladora; os dentes de uma claridade lubrica—feitos para dentadas de amor; o pescoço divinamente torneiado, como uma torre de marfim...

Emquanto conversavamos, eu pensava no ar morno do seu quarto, carregado á essa hora de uma preguiça tépida, fechado sobre nós dois; no seu leito de plumas, macio como ella mesma; no aconchego dos lençoes e dos cobertores; no calor do seu corpo.

E dava-me uma alegria intima pensar que possuiria tudo isso em poucos momentos...

—E' tarde, precisa de descanço, disse-me ella. Já sabe onde é o seu quarto.

Eu levantei-me torporizado pelo calôr do brazeiro, a cabeça pesada, molle, as pernas bambas, tropegas, como as de um velho de cem annos...

Olhei para ella: estava vermelha como o fogo.

Nesse instante a chuva desabava torrencialmente, zargunchando as arvores, estremecendo, abalando as vidraças.

Pareceu-me infinitamente bella, rindo, provocante, embriagadora, vermelha como os clarões do brazido. Eu sentia o cheiro quente de suas roupas.

Si eu beijasse-a? Si eu tomasse-a pela cintura, brutalmente, alli?

Quasi não me poudes mais conter. Um choro hysterico ganiu-me por dentro. Tonto, em vertigem, tive a tentação de cahir sobre ella, como sobre um abysmo...

—Boa noute.

E ella se afastava.

E eu sem coragem! E ella sem comprehender que me estava matando!

Veiu-me uma raiva surda e impotente, um desejo irascivel de quebrar e destruir tudo, de a tomar no caminho, esmagando-lhe os pulsos, si ella recalcitrasse...

—D. Judith, chamei eu, vendo que ella me escapava, com a esperança louca de a deter, de poder ainda possuil-a.

—Que é?

—Não tenho phosphoros.

—A caixa de phosphoros está em cima do criado-mudo.

JACK LE PETIT.

Si Camões, Sardou, Virgilio e Martins Guimarães plagiaram, porque, pelo simples facto de imitação, sou accusado de haver escamoteado um sonetinho que, no fim de contas, nem vale um queijo?

HOLLENDER JUNIOR.

## Sciencia

*Estudo philosophico sobre a psychologia social do cobertor*

Ao encetarmos tão difficeis quão ingratas investigações, não pretendemos derrocar as pyramides philosophicas levantadas nos desertos da sciencia pelos ousados viajores do incognoscivel.

Não. Vimos sem pretensões, sem o olhar altivo da aguia que das alturas sidérias, num relancear, abrange o vasto campo em que brota a peque-

## Caricias de um anjo

Pareça ao mundo desatino estulto  
Isto; mas nesse olhar, querida, eu leio,  
Como n'um livro, o sentimento occulto  
Que avaramente escondes no teu seio.

Phrase por phrase, lettra á lettra, em meio  
Dessas retinas, meu porvir consulto;  
E vejo nellas, em crescente aneio,  
Os versiculos sacros do meu culto.

N'um morno olhar mornas volupias vejam  
Outros,—que eu vejo nesse olhar a trópa  
Azul dos sonhos que outra vez me beijam...

Olha-me, pois, assim, dama querida;  
Que novos idéaes minh'alma tópa  
No teu olhar de antilope ferida...

WENCESLÁU DE QUEIROZ.

nez das cousas creadas, porém cheias de esperança e convicção.

Na complexidade da questão transcendental que nos propozemos abordar muitos são os elementos constitutivos das bases geradoras de uma dedução logica de accordo com os novos principios da sociedade moderna.

E' assim que, usando do methodo indutivo, chegamos pela observação constante e pertinaz á evidencia de que subiu de ha muito o cobertor á altura de um principio.

Desde a essencia da alma atravez os principios espiritualistas de Kant, mesmo na phase da descriminação eccletica de Arens, até á genial triologia de Comte, não encontramos os pronomes da technica scientifica que nos habilitem a uma deducção exacta da essencia dos atomos primordiaes da psychologia do fio da lâ.

Ora si *a priori* não nos é dado conhecer a natureza da molecula resultante, e, se *a posteriori* sómente poderemos chegar a descortinar a verdade em meio de tão multiplos aspectos, logo é na observação dos factos consequentes que deveremos encontrar a solução do problema.

Começaremos pelo principio historico-sociologico de que um facto uniforme repetido faz uso e costume.

Se assim é, e se os novos caipiras sempre que appareço inverno lançam por sobre os seus emagrecidos hombros, á guiza de chaile, um cobertor vermelho, que lhes cobre a camisa de algodão e lhes preserva a epiderme do sopro enervador dos frios do Sul, por sem duvida que dest'arte elles se avesam, e podemos considerar como um costume roceiro ou caipirino.

Por outro lado se muito de industria olhar mos para o alto madamismo, verificaremos que já a matrona ensograda ou amadrastada, já a donzella amorosa e casta, na mesma epocha, durante o dia se envolve em cobertores de fio de lâ, e á noite aconchegam-se, encolhendo-os femuros em angulos agudos e comprimindo mutuamente as alvas bases, sob o peso mole e acariciamente de um cobertor.

Desta identidade de phenomenos resulta que a temperatura atmospherica na sua inconsciencia transitoria concorre efficaçmente para a democratização dos povos.

Mas ao encararmos a origem animal da lâ depara-se-nos uma duvida que nos leva o espirito a incertezas que pódem ser de grave inconveniente para o descobrimento da verdade.

Sim; se a lâ resulta em materia prima de um cornigero, não haverá uma opposição occulta entre estas ideias correlatas: a democratização e a moral dos costumes?

A duvida porém desaparece desde que com espirito atilado se conheça que as duas ideias abstractas ligadas inteiramente por uma necessidade physica não se podem repellir, e que pelo contrario, ha uma attenção mutua que os leva á cohesão systematica do movimento centrifugo.

Chegando a este ponto não póde restar a menor duvida de que o cobertor tem nas sociedades modernas o fim excepcional e grandioso da democratização dos costumes.

KOMTE DE KARVALHO.

## Conservatorio de musica

Pois é facto :

Ia de ser constituido n'esta capital um conservatorio de musica.

Ia, porque a idéa tornou-se, no dia destinado à sua realisação, n'um verdadeiro chinfrin de cuiá e de todos os diabos...

Reuniram-se os srs Antonio Carlos Junior, João Gomes de Araujo, Antonio Leal, Santini, Hollender, Girandon, Bastiani, Wiertheimer, Barreira, Festa e Chico Guaiaca.

Foi aclamado presidente da reunião, o sr. Antonio Carlos Junior, que declarou aberta a sessão e a porta da rua para quem quizesse...

O sr. JOÃO GOMES :— O sr. Presidente não tem razão ; a porta da rua é para entrar-se...

PRESIDENTE : — N'esse caso eu saio !

(Sussurro nas galerias e o sr. Antonio Carlos Junior retira-se do recinto.)

O sr. JOÃO GOMES :— Peço a palavra sr. Presidente !

VOZES CHEIAS DE CONVICÇÃO :— Não ha presidente, sr ! Não ha presidente !

O sr. J. GOMES :— Mas eu peço a palavra com cem mil fusas !

O sr. AMERICO DE CAMPOS (das galerias, com autoridade e cache-nez.) Ha occasiões em que assim se pôde exprimir.

Eis o caso. Tenha a palavra o maestro João Gomes.

(Movimento de attenção e de caixas de phosphoros. Todos fumam charutos do sr. Giraudon.)

O sr. JOÃO GOMES :— Quando, sr, Presidente,...

VOZES. Não ha presidente, é claro como agua !

O ORADOR. ...se vem da Italia, cheio de esperanças e de barba no queixo como eu, quando nos dóe a saudade do lar e um dente miseravel...

CHICO GUAIIACA :—E' porque o sr. não sabe o que é a dor nos...

O ORADOR (continuando)—...quando sr. Presidente

O sr. HOLLENDER (muito vermelho e muito calmo) :— Eu protéste contrre esse forrte manie de Jon Gome de empírrar com presidenta, presidenta, quando no eciste presidenta !!

VOZES :— Retire o presidente ! Retire o presidente ! Retire !

O ORADOR (afflicto) :— Senhores ! Eu retiro !

(N'este momento o sr. Wiertheimer cresce um palmo pelo menos, e o sr. Festa pede á illussre reunião licença para cantar uma aria dramatica de sua composiçãõ.)

DR. ANTONIO CARLOS (muito baixo no ouvido do Dr. Americo de Campos que sorri, assucaradamente.) O' Amareico, o Festa não é de festa ! Hom'esta ? Isto não presta ! Adêsta !

DR. AMERICO (ironico) Você quiz dizer adeus, sô malandro.

DR. ANTONIO CARLOS (com muito espirito.) Ou isso. (Parte com uma revista franceza em baixo do braço e um sorriso nos labios.)

SR. ALMEIDA JUNIOR :— Ué ! Pois já se viu só que pôrcos. Boa duvida ! Quá ; isto não vae p'ra deante ! E' desenganá !

O ORADOR — Senhores ! Parece incrível que isto aqui seja uma reunião de homens celebres e notaveis !?

CHIBO GUAIIACA (corando) Que mas-sada !

ORADOR ;— Eu que orchestrei Beethoven !

DR. AMERICO DE C. (corrigindo) Beethoven !

O ORADOR (continuando) porque. senhores, nós viemos aqui para um fim muito justo e nobre e bello. e grande e rico, e justo...

VOZES (cheias de colera) Já disse justo ! Tire o justo ? Fôra o justo !

O ORADOR (acabrunhado) Seehores eu tiro o justo, mas permittam-me que que ponha o leal ! Senhores ! o nosso conservatorio será um meio musical...

O sr. GIRAUDON (Fazendo calembourg) Ponha o leal no meio !

O ORADOR (abatido) Senhores, o conservatorio será um meio... leal...

O sr. ANTONIO LEAL (com raiva na voz) Protesto eu sou inteiro ! Protesto ! Retire o meio !

O ORADOR Está retirado !

(Travam-se diversos dialogos entre os membros da reunião. O orador continúa a occupar a tribuna, altivo, sereno, impereurbavel.)

O sr. SANTINI :— Eu peço licença para dizer due palavri.

(O sr. João Gomes senta-se.)

O sr. SANTINI :— Sinhori ! com entusiasmo, erguendo o olhar para o tecto pardo e sujo do salão) La mia bella patria. onde se manja macaroni, e se ascuta musica de primo cartelo !

VOZES :— Falle em portuguez do contrario apanha !

O sr. SANTINI :— (pallido e medroso) Eh ! Ma, ma, amici que diavolo !

VOZES (gritando) Portuguez !

SANTINI comsigo e abrindo muito os dedos das mãos e dos pés provavelmente) Miserabili ! (sentando-se) Io me sento sinhori ! (com lagrima na voz) addio ! (chora)

(O relógio deu 8 horas e meia da noite)

O sr. WERTHEIMER :— Senhorre. Eu va emborra pórque eu va a Stradella !

O sr. J. GOMES :— Ao Stradella !

O sr. HOLLENDER :— Eu peço licença parra lerr um artigue de critica musicale !

(Todos saem correndo)

O sr. HOLLENDER (só no recinto) Idiotes ! Cavalgadores ! (Começa a ler, berrando, umas tiras de papel que sacca do bolso.) Senhorres ! A Historia musicale...

UMA VOZ :— 'Que é ? Que é ? morreu ? Quem ? Serio ? Já viu ? Hein ? Quem é ?

O Dr. Americo de Campos accor-dára-se n'aquelle instante nas galerias.

MUDO

Dizem que os olhos são os espelhos da alma.

As lagrimas (consequencia logica) são a agua de banho em que a nossa alma se limpa.

Quem não chora, tem a alma suja ! Correcto !

CARRÁRA JUNIOR.

## O sonho

A GASTÃO BOUSQUET

Desenrolára no espaço a Noite, o manto azul-escuro entresachado de estrellas...

Elle fôra ao cemiterio, tropego, taciturno.

Junto á porta ampla, de grades ferreas, immobilisaram-se-lhes as pernas ; e o seu olhar molhado, fundo de silencio e melancholia esteudeu-se dolorosamente por entre as aleas gemedoras dos cyprestes, sobre a branca calma das sepulturas...

De pouco em pouco, o torpôr prendeu-lhe os membros lassos, e instan-

ARGUIVO  
18200  
1900527

tes após o corpo jazia adormecido no chão frio da estrada... Sonhou.

Fôra uivava rechinando a ventania estrepitosamente...

Arvores vergavam ás lufadas do tufão, como espectros gigantes a se moverem sinistros, ameaçadores.

Aves singravam o tenebroso dos espaços, aos pios, fugindo á tempestade.

—Tens medo a meu lado?

—Não ; mas é horrível o cyclone !

Elles estavam para ali, na solidão de uma pobre cabana isolada no campo.

Haviam fugido para o ermo, para o silencio, onde o amor tinha-lhes o sabor de um sonho interminavel de doçuras, de caricias desconhecidas, deliciosamente fantasticas...

—Bebe, meu amor ! O vinho faz a alma sonhar, e o coração esquece a vida para viver e amar...

E entregou á amante uma taça cheia de um liquido espumeo, côr de rosa.

Quando a mulher levou o vinho ao labio vermelho, como uma cereja partida, o raio estrugio metallicamente os ares...

Os dentes da moça cerraram-se de subito, e o vidro quebrou-se-lhe na bocca.

— Laura ! — gritou horrorizado o amante.

Ella, como petreficada, os olhos a lhe saltarem das orbitas, branca, pallida como um cadaver, a fronte loufria ; uma das mãos apertando convulsa um fragmento de chrystal ; os braços cahidos, inertes, ella mastigava automaticamente uns estilhaços de vidro, quebrando-os mais ainda, phrenetica, aos poucos, pausadamente...

O sangue escorria-lhe pelos cantos da bocca.

—Ensanguentada ! Doida !

Deixa-me ! E' o amor. Tudo isto é um sonho ! Esquece !

Houve um instante de silencio...

Momentos depois ella cahiu morta !

Despertou...

A manhã batia o azul do céu com a luz sangrenta, rubra, das alvoradas.

O orvalho refulgia sobre a lage branca dos tumulos...

Elle ergueu-se vagarosamente. Um sorriso doloroso entreabriu-lhe o labio.

## Consummatum

Aquelle coração, que, no meu peito,  
ao ver teus olhos languidos, batia ;  
morreu, como vivera, n'agonia  
desse amor, que me trouxe a ti sujeito.

Fôra-lhe a vida um escarceu despeito,  
sem um raio de luz, por calmaria,  
e a paz, que elle buscara, fugidia  
só deu-lhe a morte no sidereo leito.

Silencio prantos, crystalinas bagas !  
crenças perdidas, neste affecto enorme !  
sonhos alados para ignotas plagas !

Silencio vozes ! Nem mais um gemido !  
não desperteis meu coração que dorme,  
na paz funerea de um heroe vencido.

J. RIEDEL.

E olhando para dentro, no cemite-  
rio, murmurou n'uma voz profunda,  
intima, despedaçada como um soluço :

—Levou-te a Morte, Laura ! Mas  
a taça que quebraste na bocca feita  
para meus beijos de amor, tenho-a  
aqui dentro do peito.

—No coração partido, eu bebo, des-  
de aquella noite horrível, o fel ensan-  
guentado de uma existencia miseravel.

E o desgraçado já ia estrada em fó-  
ra e tartamudeava ainda :—« Deixa-  
me ! E' o amor ! Tudo isto é um so-  
nho. Esquece ! »

Entre umas nuvens d'ouro, no le-  
vante, o sol appareceu n'uma explo-  
são de luz.

Santos—8—1888.

A. PACHECO NETTO.

Geralmente condemna-se um D.  
João, não por amor da moralidade,  
mas por inveja das suas conquistas.

O BELLO.

## Philosophia barata

(IMPRESSÕES)

Eu tenho-me acostumado sempre a  
abrir o meu caminho e a formar o  
meu pequeno mundo, á parte, a meu  
modo.

Sou um curioso que vou observan-  
do, gozando, olhando, consumindo  
as cousas deste mundo, como eu en-  
tendo.

Acho que todos devem e hão de ter  
a sua philosophia.

A philosophia, como o alimento,  
como o clima, como todas os prazeres,  
cada um deve escolhel-a e crial-a, ao  
sabor dos seus desejos. A philosophia  
é o modus vivendi.

Toda a bella natureza é aquella  
que pensa por si. O mais que se póde  
fazer sob a influencia dos outros, é  
completar-se.

Tu, por exemplo, tens um tempera-  
mento de poeta doentio e exquisi-  
to : a tua poesia é mais do Perfume  
do que da Côr. Luctas por um novo  
meio de expressão. Na Grecia ou em  
Roma, houve, em certa epocha, um  
poeta que teve mais ou menos o teu  
temperamento, que esquadrinhou e  
achou certos meios de exprimir se :  
busca-o, estuda-o, simplificar-te-á  
muito trabalho, completar-te-á mes-  
mo, dando a fórmula definitiva a mui-  
tas das tuas sensações ainda confu-  
sas.

No meu pequeno mundo encontro  
isto hoje :—nunca vi a mulher apaí-  
xonada.

Para ella o amor não passa de uma

historia de enredo tolo, que ella cochicha ouvindo missa, ou bailando. Liga mais importancia ás modas do que ao amor. E si falla de amor e o procura é ainda por *coquettismo*, por moda. Ella brinca com o amor como brinca com tudo.

Si Beatriz lesse o Dante, não acretitaria que aquillo se referisse a ella, ou teria medo daquelle louco.

Outra estupidez do amor da mulher consiste nisto : a igualdade lorpa que ella estabelece entre os homens.

Dante ama Beatriz ; o illustre desconhecido Paulo dos Anzós tambem a ama.

Paulo é rico, Dante, já se sabe, é pobre.

Beatriz inclina-se para os dois, iguala-os absolutamente debaixo do seu dominio despotico, dando a ambos o titulo de *seu* Dante e *seu* Paulo, e melhor ainda, achou o Paulo um homem mais distincto do que o Dante.

—Felizardo imbecil, ama, regaladamente ; a mulher é para ti !

E esta a creatura junto da qual as horas voam ! Quando amamol-a, a sua voz é a musica mais agradável aos nossos ouvidos, pela frescura, pela mocidade, a ponto de se querer mordel-a ; o seu andar é um rithmo, nos abala e commove até as entranhas. Ella revive, alegre os corações mortos !

E é, entretanto, á uma creatura desta ordem, que está entregue o destino do homem de maior genio !

E é esta a creatura que nos dá os maiores prazeres e as maiores tristezas, que faz o Tasso delirar na prisão, o Dante traçar estrophes titanicas ; que faz as tragedias, as comedias, os poemas, as obras primas da Musica, da Esculptura, da Pintura !

Que adoravel a vida !

João, o PHILOSOPHO.

## Biblicas

### I

(A JULIO RIBEIRO)

#### *Fructo prohibido*

Quando os primeiros paes na innocente cegueira  
Gosavam de um viver pacifico, innocente,  
Demonio, isto é o Amor—fórma de uma serpente—  
Dentre as flôres tentou a nossa mãe primeira.

«Eva, disse a fatal, perfida conselheira,  
Tens carinho na voz, o teu olhar ardente  
Queima e derrete os céos, teu beijo é omnipotente,  
Manda ao homem colher os teus fructos, fructeira...

Eva chega-se a Adão : Homem, beija-me a bocca !  
Eu ouvi a serpente, ella deixou-me louca...  
Tudo que é meu é teu... a curva sensual...

Elle vacilla e cae ; ella o sustém cahido...  
E comeram assim do fructo prohibido...  
O' sciencia do Bem ! ó delicia do Mal !

### II

(A ASSIS PACHECO NETTO)

#### *A Folha de parreira*

E o Senhor apparece : —Adão, por onde  
Andas occulto, sob esse arvoredado,  
Porque buscas das arvores a fronde ?  
Adão, Adão, porque é que tu tens medo ?

«Estou nú, meu Senhor, Adão responde,  
Nós comemos do fructo do segredo,  
Eva, Senhor, vêde é quem mais se esconde...»  
O Senhor desconhece a obra do seu dedo.

Eva mais criminosa e peccadora,  
Atraz dos hombros do marido sente,  
Cega, tremendo, a vista indagadora...

E esconde para que o Senhor não veja  
Sob os cabellos o seu rosto quente,  
Lindo e vermelho como uma cereja !

EMILIANO PERNETTA.

Montegazza diz que a natureza *annunciando á menina* a sua completa *mocidade*, parece querer desvendar as dores que lhe estão reservadas na vida que ella vae começar.

Martins Guimarães depois de scismar profundamente sobre... o viaducto, exclama *prende* de admiração :

— Realmente ! Este pensamento tem cor... *local* !

Padre BACALHÁU.

Cada um define a vida como bem lhe parece ; mas, geralmente se define quando se está desgraçado ; é por isso que sempre se ouve disto : — «A vida é uma miseria !»

PEDRO MARRECO.

Não ha relógio que regule melhor do que o estomago marcando a hora da comida.

PICADINHO.

ARQUIVO  
00527

## A rima da Pilheria

I

Venho vibrar a Ironia !  
 Venho alegre e venho san,  
 Cheia de vida, sadia  
 Como as rosas da manhan.

Tenho no bico da penna  
 O diamante da Graça ;  
 Minha voz branda e serena,  
 Tambem gargálha a Chalaça !

Uso uma tinta escarlata,  
 Brillhante como um rubira  
 Que ensanguenta o Disparate  
 Nas gargalhadas sem fim !

N'ella a Injustiça não cabe  
 E ás vezes o Riso amima...  
 Mas talvez chore... quem sabe !  
 A's vezes tambem a Rima !

Sim ! Meu verso a tudo affronta  
 Tanto o Riso como a Dôr ;  
 Pois sabe rir-se na... *ponta* !  
 E chóra com amargor !

Pois nada lhe causa móssa,  
 Nada a alegria lhe enluta,  
 Faço um escudo da Troça  
 E entro, jovial, para a lucta !

Entro ufana, entro sonóra  
 Luctando alegre, taful,  
 Como um combate de aurora  
 N'uma alegria de azul !

Não engana-me a apparencia,  
 Sou jornalista... completa ;  
 E em negocios de sciencia,  
*Faço questão, sou correcta !*

A's vezes me esconde a Treva,  
 Procuro ás vezes a luz ;  
 E um Sonho triste me leva  
 Onde a Alegria seduz !

Sou um contraste perfeito  
 Para ser justa e severa ;  
 De caricias eu sou feita  
 E... vivo a esperar a « Cratéra ! »

Sei chorar e *chalaccio* !  
 Pois vamos Rima *sambar* ;  
 Labio aberto, aberto o seio  
 No grande samba social !

Abri, meninas, as boccas,  
 Ao rir vermelho, gazil ;  
 Como as andorinhas loucas  
 Chilreando n'um céu de anil !

Tambem canto serenatas,  
 Tambem seduzo donzellas,  
 Quando o luar em cascata  
 Vem do céu pelas estrellas !

Tambem gósto de *pequenas*  
 Déssas que chamam *seu* bem ;  
 Que têm as faces morenas,  
 Que os labios vermelhos têm !

Quando minh'alma suspira  
 No sonho de uma esperanza,  
 Tambem sei pezar da lyra  
 E tanger uma *romanza* !

Mas sempre em tudo, a Ironia !  
 Venho alegre e venho san,  
 Cheia de vida, sadia  
 Como as rosas da manhan !

FRITZ.

—◆—  
 Não ha *via* mais dolorosa (protes-  
 tem os hemorroidarios) do que a *via*  
 do progresso !

GUERRA JUNQUEIRO JUNIOR.

—◆—  
Sr. F...

Agradecemos muitissimo o interes-  
 se que v. s. tem tomado pela nossa  
 folha.

Pergunta-nos v. s. porque ella não  
 sahiu no dia 1º deste, como estava  
 determinado.

Sendo este jornal improvisado de  
 um momento para outro, e havendo  
 na typographia onde o mandamos im-  
 primir, accumulção de trabalhos da  
 mesma natureza, não foi absoluta-  
 mente possivel, acredite v. s., cum-  
 prir o que promettemos.

Mas, por Deus ! isto não é escan-  
 dalo para que se diga...

O facto é que v. s. ora o tem em  
 suas mãos, leve, ideal, sonóro ; que  
 importa, pois, que *elle* não tivesse sa-  
 hido no dia marcado ?

Comtudo, damos a nossa palavra...  
 de honra como elle sahirá d'aqui em  
 diante, regularmente, de quinze em  
 quinze dias, a menos que altere o  
*nome*.

Está satisfeito com a declaração ?

## ANNUNCIOS



## CASA LEVY

Estabelecimento de musicas e de ins-  
 trumentos para orchestra e bandas  
 marciaes.

Pianos dos melhores auctores e fabri-  
 cados expressamente para a CASA  
 LEVY.

Accetam-se chamados  
 para afinação de pianos

## Casa Levy

RUA DA IMPERATRIZ, 33

## ADVOGADOS

Os drs. Gomes Cardim e Pache-  
 co Netto teem o seu escriptorio  
 na rua JOSÉ BONIFACIO, 43.

SOBRADO—1º ANDAR

## CAFFÉ JAVA

Café, chocolate, canja, o diabo !

Ceia á noute, a qualquer hora.

O melhor ponto da litteratura

patria.

AO JAVA ! AO JAVA !

Largo do Rosario

TYP. UNIÃO - S. PAULO.

